

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

**TECNOCIÊNCIAS E HUMANIDADES NO ENSINO SUPERIOR: UM
DIÁLOGO A PARTIR DE HEIDEGGER¹
TECHNIQUES AND HUMANITIES IN HIGHER EDUCATION: A DIALOGUE
FROM HEIDEGGER**

Vitor Hugo Balest Piovesan²

¹ Ensaio teórico desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestrando em Educação nas Ciências pela UNIJUI.

RESUMO

A situação em que nos comprometemos com o modo de vida humana na terra é, cada vez mais, uma relação com os meios materiais que nos garantem a vida e regem nossas relações. A educação tem igualmente sentido este processo, pelas demandas que o universo da técnica a impõe. A proposta deste ensaio é refletir sobre a relação entre técnica e educação na Universidade. Para isso, utilizaremos algumas considerações sobre a técnica a partir do filósofo Martin Heidegger, analisando como estas contribuições poderiam ajudar a pensar a educação de uma maneira positiva e mais humanizada frente à racionalidade instrumental. A filosofia emerge como a possibilidade de inserção do pensamento crítico para a formação universitária.

Palavras-chave: Universidade; técnica; filosofia

ABSTRACT

The situation in which we commit ourselves to the human way of life on earth is, each day more, a relation to the material means that guarantee us life and govern our relations. Education has also making sense of this process, because of the demands imposed on it by the world of technology. The purpose of this essay is to reflect on the relationship between technique and education at the University. To do this, we will use some considerations about technique from the philosopher Martin Heidegger, analyzing how these contributions could help to think education in a positive and more humanized way compared to instrumental rationality. Philosophy emerges as the possibility of insertion of critical thinking into university formation.

Key words: University; technical; philosophy

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

INTRODUÇÃO

Inicialmente, convém dizer que a provocação para pensar e escrever estas páginas partiu de minha própria observação de algumas insuficiências na formação de qual fiz parte. Tendo sido formado na área de engenharia, de início me suscitou pensar na característica cultural do curso, a saber, num modelo que se propõe a promoção do conhecimento técnico. Refiro-me a uma sensação de carência reflexiva ante ao que é transmitido aos alunos, e a uma total indiferença e resistência a qualquer perspectiva outra alheia a lógica de inovação técnica vigente (mercadológica). Como consequência, a exclusão de possibilidades de abarcar perspectivas mais amplas e diversas e, com isso, desprestigiando o verdadeiro sentido da educação como formação humana.

Neste caminho, inevitavelmente, intencionei procurar algumas das respostas, para minhas questões, na filosofia, onde encontrei um terreno fértil, não de respostas propriamente, mas muito mais de questões semelhantes as minhas. Descobri, por exemplo, que as causas da sensação que me afligia já tinham sido apontadas, em parte, sob o conceito-chave de *racionalidade instrumental*, oriunda da crítica frankfurtiana[1] à sociedade técnico-industrial. Sendo assim, algumas perguntas genéricas se colocaram como tarefa de pensamento: como situar a técnica no bojo dos saberes humanos (em geral e acadêmicos)? Qual a relação desta com a filosofia? E, que tipo de aporte a filosofia daria a formação técnica?

Sob o ponto de vista metodológico, estas são perguntas muito amplas e difíceis de serem tratadas nos parâmetros de um texto breve como este, se é que podem ser respondidas. Para tanto, neste mesmo sentido, intenciono aqui, tão somente realizar um recorte deste amplo campo em que já se tratou - e se tratam - as questões que concernem a técnica na filosofia, na história humana. Dessa forma, evocaremos brevemente para auxiliar nesta reflexão, um dos autores chave desta temática, Martin Heidegger[2], trazendo e contextualizando para o campo educacional. Ademais, pensar a formação técnica não é simplesmente pensar a técnica pela técnica, isto é, investigá-la internamente, mas sempre acompanhada de seu fator intrínseco, o próprio ser humano, que está sempre de alguma maneira envolvido (como *meio* ou *fim*). Dentre estas maneiras de estar envolvido, é mais precisamente na esfera em que se coloca a educação técnica, de Nível Superior (universitária), que pretendemos estender nossas considerações.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

1. EDUCAÇÃO E A DEMANDA TÉCNICA

A técnica se apresenta como algo simplesmente dado, não se autoquestiona porque não pode se ver como problema: ela simplesmente funciona. Por outro lado, o questionamento reflexivo é, historicamente, o próprio esforço filosófico de não se deixar naturalizar ou apreender pelo óbvio – o óbvio é aquilo no qual deixamos de pensar, ou repetimos sem pensar (Merleau-Ponty). É por isso que estudamos problemas, seja no âmbito da ciência ou da filosofia, a diferença de que a primeira eleger objetos e os investigará com o rigor do método científico, enquanto a segunda tem caráter especulativo, com sua própria metodicidade[3].

A literatura em torno da questão filosófica da técnica não é escassa - ainda que pouco difundida - e vem crescendo exponencialmente acompanhando o ritmo do avanço tecnológico, mesmo que sempre a um passo atrás deste. No entanto, não queremos aqui discutir a tecnologia em seus artefatos, mas o conhecimento que o antecipa e torna possível. Este é, por assim dizer, o objeto dessa pesquisa.

Heidegger radicalizou o posicionamento filosófico crítico no que se refere à técnica[4] moderna, na tentativa de elucidar o impacto destas no *modo de pensar* contemporâneo, na “metafísica” do tempo presente. É bem conhecida a formulação heideggeriana de que a época da técnica e da ciência representa o *esquecimento do Ser*. Mais adiante, conduziremos uma reflexão com base nesta ideia e nos seus desdobramentos, para lançar luz e pensarmos de que modo isso se observa na educação.

Essa questão justifica-se e torna-se tão mais importante quando levamos em conta que se avolumam novos cursos voltados às áreas técnicas nos últimos anos, ainda mais evidente e intrigante quando comparadas a estagnação e, em alguns casos, retração de formações voltadas às humanidades. Isto, falando em instituições de Ensino Superior, pois há que se acrescentar que nesta conjuntura outras modalidades formativas vêm ascendendo com objetivos semelhantes - a preparação e capacitação técnica para o mercado de trabalho - por meio de ensino técnico profissionalizante, MBA, especializações, entre outras. É claro que todas elas são formações valorosas do ponto de vista social, e acabaram por tornarem-se imperativos para o acesso e a concorrência no mercado de trabalho em certos segmentos que reconhecem determinados títulos, capacidades, competências, especialidades, enfim. Todavia, sendo que a tendência é de avanço neste tipo de formação, há que se manter atento em interpretar tal fenômeno.

2. A METAFÍSICA NA IDADE DA TÉCNICA - HEIDEGGER

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

O tema da técnica em Heidegger ocorre de uma maneira quase inusitada. O filósofo é conhecido como o “autor do Ser”, cuja discussão perpassou toda sua filosofia. Ao refletir sobre a metafísica do tempo presente (seu tempo, mas que ainda é o nosso!), Heidegger se põe a questionar os fundamentos do pensamento do homem deste tempo, partindo da comparação histórica do pensamento ocidental. Desse exercício surge uma interpretação até então original sobre a maneira de pensar contemporânea. Essa interpretação ficou conhecida como o “esquecimento do Ser”.

Sabemos que Heidegger não foi um teórico da educação, tampouco um pedagogo, mas sim um pensador, um professor de filosofia dedicado à história da filosofia ocidental.

Como profundo conhecedor da língua e da cultura grega, o autor reinterpreta os escritos gregos, que, para ele, haviam sofrido com a sujeição ao tempo e releituras degradantes do sentido original. Nisto, o autor constata que a filosofia pré-socrática já tinha por intenção a questão do Ser (ainda que fosse uma discussão muito mais de lógica do que de linguagem, como ele o fará na sua filosofia). É com Platão e Aristóteles que a atenção volta-se para os aspectos internos ao homem, e a observação dos fenômenos.

Para Heidegger, o modelo de pensamento atual, científico, não nasce no iluminismo, mas antes, na Grécia (interpretação essa já anteriormente preparada/possibilitada por Hegel e delineada por Nietzsche). Aliás, não é por acaso chamarmos o período de pré-socrático: a história tendeu a valorizar a tríade Sócrates, Platão e Aristóteles, e com isso acaba desvalorizando a riqueza de seus antecedentes. Algo que se evidencia inclusive na própria denominação, cujo prefixo *pré* sugere o antes de algo, antes de algo relevante, e portanto, ultrapassado. Como se não bastasse, ainda o próprio sentido original dos textos pré-socráticos fora desvirtuados pelas interpretações pautadas em Platão e Aristóteles e pelas traduções nas culturas latinas posteriormente (HEIDEGGER, 1966, p.28-29).

A tecnologia aparece como um problema, de forma mais explícita, em algumas obras de Heidegger, entre as quais destamos aqui as conferências *A Questão da Técnica* (1953) e *Serenidade* (1955). Pela data de ambos, é possível perceber que se trata de um período mais adiantado de sua obra, e esta é uma ressalva importante, pois a posição que o autor assumia na época prévia ao regime nazista, era muito mais otimista em relação à técnica. Não podemos afirmar categoricamente, mas ao que parece Heidegger apostava na ideologia nazista, neste ponto, como uma maneira de encontrar a harmonia entre homem e técnica, de “superar a decadência de espírito em que se debate” [5] (HEIDEGGER, 1966, p.28).

Em *A Questão da Técnica*, Heidegger intenta questionar a técnica de uma maneira não convencional, chegando a elaborar uma frase que se tornou um marco: “[...] a essência da técnica também não é de modo algum algo técnico” (HEIDEGGER, 2007, p.376). Heidegger utiliza o termo *Gestell* para simbolizar a essência da técnica, cuja tradução é tomada geralmente como

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

“armação”, que poderia ser interpretada como a “matriz de pensamento” de que se serve a técnica. Trata-se de uma crítica a suposta neutralidade da técnica, e ao seu caráter autônomo, devolvendo a responsabilidade ao humano.

Ainda neste primeiro ensaio, muitos conceitos importantes são explicitados, como a ideia de que a técnica moderna ser entendida como *desvelamento* e *desafio*. Explicita estes conceitos comparando o moinho de vento (técnica antiga) a uma moderna central hidrelétrica (técnica moderna). Enquanto o primeiro se harmoniza com o restante do ambiente, o segundo chega a se sobrepor em destaque ao próprio rio. Também traz a ideia de *perigo*, presente na maneira que o homem tem se relacionado com a técnica moderna. Este perigo significaria o domínio da armação que impediria o homem de chegar a uma verdade mais originária, a sua essência.

No ensaio *Serenidade*, o autor contrapõe a **reflexão meditativa** ao **pensar calculador**, salientando a importância do segundo, mas atentando para a necessidade do primeiro para não se deixar perder o “enraizamento” (em alusão ao artista conterrâneo a quem homenageava). A *Serenidade* (*Gelassenheit*) seria a atitude de dizer “sim” e “não” ao mundo técnico conforme nos convém, de maneira a não nos vermos em uma atitude de servidão para com ele (HEIDEGGER, 1994).

A crítica mais forte de Heidegger no que concerne a técnica é a de que a maneira de pensar moderna, não por acaso chamado de época da técnica, acaba por tornar a filosofia, ou mais especificamente a questão fundamental da metafísica, por esquecida. Aqui nos referimos à formulação de Leibniz^[6], que é retomada por Heidegger, no texto *Introdução à Metafísica* (1953), que expõe a questão “por que há simplesmente o ente, e não antes o Nada?” (HEIDEGGER, 1966, p.37). Após um longo desenvolvimento desta problematização, a proposta heideggeriana será a seguinte: é necessário retomar a discussão do Ser, sem passar pelo ente, objeto da ciência, e sem passar pela religião, objeto de uma metafísica “defasada” (palavra minha). Em outras palavras, a originariedade do pensamento de Heidegger está em relacionar o pensamento técnico com um problema extra-técnico, se bem entendido.

3. UM BREVE RETORNO À TRADIÇÃO

É sempre interessante para pensarmos o contexto atual nos remetermos à escala de tempo da evolução da técnica pelo homem. Diz-se de maneira forçosa, que o homem deixou de ser primata quando utilizou algum recurso técnico pela primeira vez. Traçando uma linha de tempo, grosso modo, desde a revolução cognitiva há 70 mil anos atrás, o ser humano levou 60 mil anos para criar algo como a agricultura (10.000 a.C.), tida como uma das mais significativas revoluções técnicas

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

(HARARI, 2015). No entanto, se fossemos comparar um arado egípcio usado à cerca de 1200 a.C. veríamos que pouco diferiria de um arado do século XIX (inclusive, do usado à poucas décadas por nossos pais e avós no Brasil!). Algo muito diferente do que se nota nos últimos 100 anos, onde em poucas décadas a agricultura substituiu o arado tracionado à força animal por modernos tratores à energia fóssil, alterando por completo e de maneira drástica a sua formatação, cujas consequências para nossa espécie e para o planeta ainda sequer temos noção.

A razão para esta radical mudança se deve a um casamento muito peculiar entre a ciência e a técnica. A Revolução Científica que ocorrera com Descartes, Galileu, Bacon, Copérnico e outros tantos, se dera ainda por volta do século XVI, e mesmo assim, não teve grandes consequências na organização social, como no caso supracitado da agricultura. Este só será sentido após a Revolução Industrial, já no século XVIII-XIX, não só na agricultura como em tudo o que se possa imaginar no que tange a organização do homem e ao ambiente, em escala planetária (HARARI, 2015). A Revolução Industrial consistiu justamente num novo modo de produção carregado por uma expansão do domínio técnico da natureza propiciado pela ciência.

A revolução tecnológica mudou não somente o ritmo da evolução técnica, como modificou toda a relação que tínhamos com a natureza e com a própria sociedade. Passamos a ver o mundo dentro de padrões técnicos (e econômicos), onde um rio não é somente um rio, mas uma possível represa (HEIDEGGER, 2007), selecionamos e modificamos geneticamente animais para produzir alimentos, desenvolvemos a medicina, ampliamos a capacidade de locomoção e de comunicação. Temos condições técnicas (embora não ao alcance de todos) de resolver a maioria de nossas necessidades imediatas referentes à redução do desconforto físico e aumento do prazer, e desenvolvemos necessidades que sem a tecnologia não existiriam. Este processo, acusam alguns, nos leva a um deslocamento da “natureza humana” (o termo é discutível), o que abre a porta para transtornos psicológicos e o aumento da ansiedade, da depressão e do stress. É claro que o problema não está na tecnologia *de per se*, mas talvez, parte do problema esteja na nossa relação com ela, seja de forma irrefletida, submissa, obrigatória, desejante, etc.

As pessoas são intuitivas a produzir, a crescer, a competir, mas ao serem indagadas de uma forma mais profunda aonde elas querem chegar com tudo isso, elas não sabem, não há um projeto de civilização. A modernidade tinha o sonho de que através da tecnologia poderíamos nos libertar do trabalho (Figura 2), nos liberar para a prática de atividades que gostamos, ao lazer, à família, mas o que aconteceu não foi bem assim. É claro, que houveram sim muitas melhorias em relação as condições de trabalho, mas de fato as pessoas não estão trabalhando menos. Na verdade, a cobrança é cada vez maior. Mesmo assim, mantemos um otimismo acrítico de que a tecnologia resolverá todos os nossos problemas sempre.

A partir da crise da ciência positivista que reinou até boa parte do século XX, baseado na mencionada crença no progresso e na técnica, o novo paradigma, por sua vez, representado pela multidisciplinaridade e pela complexidade, é marcado por novas disciplinas como a filosofia da ciência e da linguagem, e teorias como a da relatividade, do caos matemático, da complexidade,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

entre outros. Ainda, os postulados da física quântica colaboraram com a quebra da rigidez dogmática da ciência ao separar-se da física newtoniana tradicional. Muito embora, persiste em boa parte das pessoas ainda o velho paradigma progressista, como uma espécie de ideologia, acreditando que todos os problemas poderão ser resolvidos pelo próprio esforço técnico. É este um dos principais motivos do embate ambiental hoje em dia, por exemplo.

Tudo isso nos leva a crer que não basta entregarmos a discussão sobre a técnica a sua própria sorte, mas cabe trazê-la à tona no intuito de melhor compreendê-la. Para isto, é preciso superar seu ponto de vista internalista, ou seja, do seu próprio sistema de possibilidades, cuja uma das alternativas é fazer recursividade à filosofia como forma de por em questão justamente fundamentos que estão cristalizados no pensamento contemporâneo. É precisamente neste ponto que entra a educação.

4. EDUCAÇÃO: A BUSCA PELO SENTIDO E A RELAÇÃO COM A TRADIÇÃO

A educação tem se confrontado atualmente com uma séria dificuldade de sua auto-justificação, com a clássica pergunta sobre qual o sentido de educar? Tendo em vista a multiplicidade de perspectivas e formas de educar, temos que ter em conta que podem existir diversos *objetivos* para educar, mas deve haver algo anterior que possa dar um *sentido*. Historicamente este sentido encontrava guarida em repassar a tradição às novas gerações, de forma cíclica e contínua. No entanto, o saber técnico-científico (aqui numa distinção à técnica artesanal) não é propriamente um saber tradicional, o que o coloca em uma situação de estranhamento com a educação clássica, não apenas no nível superior, mas em todos os níveis - visto que as escolas também enfrentam o desafio de lidar com o universo tecnológico que se impõe.

Não obstante, a educação voltada para a tecnociência efetua um rompimento com a tradição, na medida em que é um caminhar sempre em direção ao novo, às novas descobertas e novas possibilidades de criações (tecnologias). Neste sentido, podemos dizer que a técnica não é nada conservadora, mas sempre inovadora. Inovação, por definição (negativa), é a própria negação da manutenção conservadora do *status quo*. Por outro lado, talvez se possa dizer que a inovação (como negação da tradição clássica), seja a própria característica de uma nova "tradição", e o novo objetivo de educar que se faz no meio tecnicista. Quer dizer, uma "tradição" cuja característica é sua mutabilidade, a contínua reconstrução, a impermanência, a inconstância, a autossuperação.

Aqui é necessária uma interposição para lembrar que inovação não há sem tradição, pois inovar pressupõe superar um algo, e para isto não se parte do nada - a tradição é sua matéria prima.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Então talvez o que aconteça, no caso da técnica, seja o encurtamento do retorno à tradição até o ponto imediatamente anterior, até a técnica de que se usa atualmente, ao último “modelo” do aparelho tecnológico, para então aperfeiçoá-los. A tradição neste caso é partícipe, mas não sob o viés conservadorista. De certa forma, este é um processo natural e que pode ser pensado de maneira positiva, quando cada nova geração é capaz de dar a sua parcela de contribuição à tradição que a antecede, inclusive abandonando ou agregando algumas ideias se assim lhe convém. Mas falamos aqui de uma tendência de aplicação intensiva deste “método”, e que pode se tornar pernicioso. Este vazio de objetivos, de justificativas e de finalidades quanto à formação das gerações que se pronunciam compromete a elaboração de algum sentido para a existência, diante do que melancolia, depressão, são apenas consequências.

Para Meira (2009), a ciência procura pela *verdade*, enquanto as humanidades procuram *entender* o mundo, e por isso as humanidades acabam por caminhar sempre “atrás” da ciência. Esta distinção entre campos de conhecimento que investigam a “verdade” e outros que procuram “entender” o mundo não é mero reducionismo, mas aponta para escopos de pesquisas diversos. Heidegger (1966; 2015) aponta para esta mesma direção quando, a partir da diferença ontológica, *distingue* a ciência (ciências da natureza) da filosofia (ciências do espírito).

Esta questão também poderia ser vista por outro prisma: a ciência pressupõe a anterioridade da filosofia porque parte do interesse, da pergunta sobre certo fenômeno. Por isso, desde o idealismo alemão, o esforço foi por um lado o de defender o caráter *a priori* da filosofia, porque não pode ser reduzida ao método experimental das ciências da natureza, e por outro, seu caráter *a posteriori* enquanto possibilidade de síntese de todas as ciências: a ideia da *Coruja de Minerva* que só alça voo ao “entardecer”, ou seja, quando o mundo empírico, o universo operante das ciências já cumpriu o seu papel.

Transversalmente a estas classificações poderíamos fazer outra distinção, observável em todos os campos: a de uma ciência que procura por teorias (uma ciência de ponta); e uma “ciência” mais generalista, ou operativa que se vale destas teorias para solucionar problemas, a tecnociência. Valendo-se aqui de uma frase de Meira (2009) “a NASA não tem cientistas: a NASA tem engenheiros”. Nesta perspectiva, os cientistas são aqueles que desenvolvem teorias que tentam descrever o mundo, enquanto os técnicos operam com esse conhecimento. Daí a aproximação comum na história entre físicos teóricos e filósofos[7].

Técnica e teoria perpassam transversalmente estes dois grandes campos de conhecimento que chamamos ciências humanas e exatas, da mesma forma que se costuma dizer do conhecimento teórico e o empírico. Num exercício apenas imaginativo, poderíamos dizer que técnica e teoria ocupam níveis diferentes: técnica se relaciona com utilidade; teoria, com conhecimento. A técnica estaria num nível de base, que ascende para a teoria. E a técnica inovadora é aquela que acompanha a ciência inovadora (de ponta).

É comum que se pense que a técnica é associada às ciências exatas, e não às humanas. No

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

entanto, as humanidades alocam para si um viés cada vez mais tecnocrata, solicitadas por uma lógica funcionalista, ou seja, para servir em algum posto de trabalho. O jornalismo, as comunicações, o marketing, as vendas, se baseiam em técnicas do universo fático das relações humanas e dos afetos, com critérios, recursos a dados e números, gráficos, etc, de maneira similar às exatas. Daí a perversidade de quando estas mesmas “humanidades” reduzem pessoas (vidas) a meros *recursos humanos*. A técnica avança a passos largos pelo campo das humanas, que se apoiam em certos modelos das ciências positivistas para operar pelo cálculo e pela objetivação estatística que acaba apagando/ocultando as idiosincrasias próprias da condição humana, reduzindo e simplificando a complexidade do mundo [8].

A questão de como a tradição é situada dos diversos campos do conhecimento é central para a compreensão deste grande movimento que é a técnica moderna. Isto porque, sobretudo no que tange as inovações tecnológicas, existem formas diferentes de encará-la, ensejando pelo menos duas perspectivas opostas. Uma delas refere-se à crítica conservadora, que, na radicalidade, tende a demonizar os avanços tecnológicos em nome da manutenção da tradição. Por outro lado, na também radicalidade, existe a perspectiva apologética da técnica (e, sobretudo da tecnologia!), que toma a tradição como algo a ser ultrapassado: para isso, tende a minimizar consequências negativas em função de possibilidades positivas, apostando que devemos cada vez mais avançar nesta direção. Dizemos isto para deixar claro que não é este o tom deste trabalho, mas reconhecendo que tais pontos de vista estão intimamente ligados com nosso estudo, na medida em que qualquer debate sobre tecnologia sempre parte de premissas de como seus interlocutores subjetivamente a situam [9].

5. O AUTOMATISMO DA TÉCNICA

Conforme Valle (2001), o ideário do desenvolvimento tecnológico é pautado, não por aquilo que ele *deve fazer*, mas do que ele *pode fazer*. Essa ideia concorda com Meira et al. (2009) quando afirma que “tudo que a tecnologia puder fazer, ela fará”. Este seria o sentido do conceito de “progresso” da técnica: a busca do sempre melhor como o mais útil (VALLE, 2001). Ou então a perspectiva acrítica e ingênua resumida pelo jargão “quanto mais aparelhos melhor”, sem relativizá-la [10]. A questão é, até onde o “novo” é de fato novo, e não apenas mais do mesmo, na forma de uma dose a cada vez maior de alienação, aprisionamento e dispersão do espírito. É exatamente isto o que faz a indústria cultural, já denunciada pela escola de Frankfurt: cria a necessidade por algo supostamente diferente e indispensável, mas que no fundo vem apenas como um substituto provisório do mesmo para alimentar a indústria do consumo.

As pessoas são quase que naturalmente interessadas em novidades, mas isso no plano da sua

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

funcionalidade[11]. E novas funcionalidades podem ser obtidas apenas articulando conhecimentos já sabidos, sem implicar em uma efetiva novidade teórica. Além disso, os consumidores estão pouco interessados em saber como funcionam estas novidades, mas apenas em suas utilidades facilitadoras. As “inovações” tão valorizadas nos novos modelos de veículos ou de celulares, por exemplo, em sua maioria são reconfigurações de conhecimentos de há muito conhecidos. Esta é uma questão importante para compreender o abismo que há entre a *produção* científica e a *divulgação* científica, por exemplo, e em muitos casos a desconexão entre a Universidade e a sociedade: as pessoas interessam-se muito mais em inovações como funcionalidades práticas, pelo consumo, do que em propriamente saber como as coisas funcionam, no conhecimento.

Isso é importante também, para pensarmos no que Heidegger chama de *Gestell*, que é a maneira própria do homem pensar na era da técnica. É uma maneira de pensar que não encontra alternativa para lhe fazer frente, pois é a própria consequência de um processo de construção e de lida com o conhecimento na atual época, que se encrustou na cultura e que, de certa forma, acaba “capturando” o próprio homem. Esta última oração/frase, apesar de parecer estranha, não está mal colocada, o que queremos dizer aqui é justamente isso, que talvez o ser humano não seja tão sujeito da história como se costuma imaginar, mas sim, ele é condicionado cada vez mais a uma realidade material, na forma de aparatos técnicos, que respaldam desde a organização produtiva no mundo do trabalho, do desenvolvimento científico, passando pelas instâncias da política, da cultura, da economia, até mesmo a forma de pensar e encarar a vida. Existe uma tendência dominante a acreditarmos que, por meio da tecnologia, o futuro nos reserva sempre uma solução, uma saída. Mas isso pode ser uma falsa-verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de um profissional técnico alude uma forma de pensar calculista, determinada e objetiva, que em hipótese, pode se vincular a uma forma de pensar a vida e os aspectos profissionais dentro desta lógica, a “armação”. O “perigo” disto é o de estarmos sendo conduzidos por uma metafísica que nos distancia de modos de vida talvez mais autênticos, de onde somos afastados inadvertidamente, e sem sequer termos recursos ideológicos para fazer um enfrentamento crítico. De certo, essa é uma questão onde pairam ainda muito mais dúvidas do que respostas: no que consiste atualmente a armação? Qual o seu perigo e em que medida? Em havendo, teríamos escapatória?

Em referência a expressão utilizada acima, “termos recursos ideológicos”, nos referimos a própria ideia de *salvação*, como a tomada de consciência da armação e o conhecimento de estratégias de ação para a vida prática. Em se tratando de um mundo cada vez mais “tecnologizado”, onde a

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

própria escola introduz a ciência e a universidade exacerba, quem sabe caiba a estas instituições a tarefa de trazer a tona estas questões. Talvez a própria ciência devesse ser ensinada/tratada em perspectiva, como sugerido por Feyerabend (1977), e não como um quase “modo de vida”.

Não é minha intenção aqui endossar a crítica que Heidegger faz à técnica, por dois motivos. O primeiro deles é de que a proposta desta reflexão é de investigar o modo de pensar que se submete o homem quando exposto a uma relação intensa com a técnica. O segundo motivo é o de que a nossa relação enquanto seres humanos com a técnica em todos os seus aspectos, é um caminho sem volta, quer dizer, muito provavelmente, estamos condenados a viver para sempre com o modo de vida artificializado que desenvolvemos, sobretudo nas últimas décadas, e quando muito, poderemos fazer pequenas involuções^[12]. Não se cogita voltar ao tempo da caça, ou da agricultura primitiva, ao menos que alguma catástrofe aconteça. Para tanto, e por essa mesma razão, cabe para além da crítica, propor caminhos possíveis para que possamos pensar o futuro com algum otimismo, mas com coerência e sem falsas ilusões de progressos que não se sabem para onde vão. Mais uma vez, é no âmbito da educação que estes sentidos podem emergir e se fazerem esclarecer, para que não sejamos tragados por nossos próprios apetites destrutivos.

Neste sentido, poderíamos ressaltar a relevância da crítica frankfurtiana à *razão instrumental*, concebida como uma forma de racionalização que associa conhecer à dominar e controlar a natureza (CHAUÍ, 2011). A razão, aqui tida como elaboração de meios para fins, se torna tão mais instrumentalizante quanto mais se ocupa com os meios, e menos se dispõe para a reflexão crítica dos fins. É por isso, que no oposto à razão instrumental ou *razão científico-tecnológica*, estaria a *razão crítica* ou *filosófica*, como aquela “que reflete sobre as contradições e os conflitos sociais e políticos e se apresenta como uma força libertadora” (CHAUÍ, 2011, p. 104). Quanto a isso, caberia às universidades elaborar uma possibilidade de reflexão crítica que seja orientada e de bases para pensar uma possibilidade de formação que, não abra mão de sua inerente característica instrumental, mas também não se prive da sua própria crítica, entendida como reflexividade para fins.

Pensando no caso das Universidades, entendo como inegável a importância de uma consciência crítica por parte destes educandos e (futuros) profissionais quanto ao seu papel social, ao impacto de seu trabalho. Da mesma forma, pensar a sua relação com a técnica, e procurando entender que tipo de “metafísica” opera seu pensamento, tanto no aspecto profissional quanto pessoal. Quem sabe isso não ajude a libertar a ele e a sociedade de ideologias perversas, e da manipulação de forças econômicas e políticas. Dessa forma, em hipótese, parece fazer algum sentido propor uma formação universitária com maior atravessamento da filosofia.

Mas há alguns dilemas a serem enfrentados. É evidente que as formações tecnicistas são curricularmente elaboradas para atender objetivos práticos relativamente rígidos e bem determinados, vinculados às demandas correntes da organização produtiva e do estágio da ciência da época. Se pensarmos nos cursos de engenharia como o caso típico de formação na técnica, é claro que o objetivo é formar profissionais habilitados a resolver problemas práticos, afinal,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

queremos confiar que nossas casas foram bem construídas, que ao voar em um avião ele não irá cair, e coisas do tipo.

Pode-se dizer que, em tese, o objetivo é desenvolver neles competências mínimas necessárias para determinado campo de atuação. O dilema em questão é como conciliar criticidade e positividade, ou seja, a reflexão sem se descuidar da operacionalidade? Da mesma forma, procurando aberturas para uma formação universitária com caráter mais reflexivo sobre si mesma - seu próprio impacto e dever social, colocando o ser humano e o planeta como finalidade (e não como meio). Como argumenta o sociólogo francês Emile Durkheim, a especialização tem este caráter ambíguo: por um lado ela é o motor do progresso, mas por outro, é o motor de novas divisões (YOUNG, 2016).

Este último parágrafo condiz com a hipótese que deixo para pensar: a *filosofia* como a instância necessária de conhecimento, cujo atravessamento poderia proporcionar a condição de possibilidade para uma formação técnico-científica de ponta, ou um *conhecimento poderoso* (como define Michael Young[13]), não apenas capaz de gerar inovações, mas, sobretudo, de fazê-lo com consciência crítica. Não se trataria de uma filosofia qualquer, tampouco uma espécie de história da filosofia, mas, em hipótese, uma filosofia da técnica, devidamente ajustada a determinado mundo fático do campo de formação.

Nas palavras do ex-professor Doutor Paulo Rudi Schneider, “a universidade é um espaço que a sociedade criou para se pensar”. Este é o sentido da educação que se põe para a Universidade, e esta deve ser sua perspectiva em educar. Seu diferencial em relação às outras instituições de ensino e outras propostas formativas é justamente suas condicionantes materiais e humanas para estar à frente das discussões, de pensar de uma maneira mais profunda o que cabe como “tarefa do pensamento”, como diria Heidegger.

Do contrário, como bem formulou Alves (1968, p. 17), a Universidade se torna uma mera “fábrica de produção de conhecimento e técnicos para servir as muitas burocracias da sociedade”, sob o viés de “criação de inteligência funcional”. Desta forma, acaba competindo com instituições mais dinâmicas e competentes em fornecer diplomas, e tem sua existência questionada. Isso não significa de forma alguma uma crítica ao mercado de trabalho, mas defender que a perspectiva que a Universidade deve ter para com este é crítica, no sentido de que seus formados possam intervir para *modificá-lo*, e não meramente para *serví-lo*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Tecnologia e Humanização. **Revista Paz e Terra**, Rio de Janeiro, ano II, n. 8, set.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

1968. p. 7-25.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2011. 520 p.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Tradução Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. 488 p.

FLICKINGER, Hans-Georg. O fundamento hermenêutico da interdisciplinaridade. In: ___. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 45-53.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Tradução de Janaína Marcoantonio. 1ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro. 1966. 295 p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada de Maria Sá Cavalcante. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 600 p.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução de Marcos Paulo Lopes Vieira da versão castelhana de Yves Zimmermann, publicada pelas Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994.

HEIDEGGER, Martin. **A Questão da Técnica**. Tradução de Marco Aurélio Werle. Revista *Scientia Studia*, v.5, n.3. São Paulo. 2007. p. 375-398

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **Heidegger e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 95p. (Coleção Pensadores e Educação).

MEIRA, S; MOSÉ, V. **O que pode a tecnologia?** Instituto CPFL. 2009. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/2009/11/14/integra-o-que-pode-a-tecnologia-com-viviane-mose-e-silvio-meira/> acesso em 18 de mar. 2018.

VALLE, Lillian do. Tecnologia: a educação frente à questão de seu sentido e de seus limites. **Logos**, v.8, n.1, 2001. p. 21-26. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14767/11215>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

YOUNG, Michael. **Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI?** Cadernos de Pesquisa, v. 46, n. 159, p. 18-37, jan./mar. 2016.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

[1] A Escola de Frankfurt como foi apelidada, consistia num grupo de intelectuais vinculados ao Instituto de Pesquisa Social da cidade de Frankfurt, na Alemanha. O conceito de *racionalidade instrumental*, é atribuído ao fundador da Escola, Max Horkheimer no contexto da sua Teoria Crítica.

[2] Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, ligado à corrente filosófica da fenomenologia, da hermenêutica e do existencialismo. Tornou-se conhecido pelas suas interpretações originais sobre a história da filosofia, sobretudo no tema da pergunta sobre o Ser. Em sua fase de maturidade realizou uma das mais contundentes críticas à modernidade, cujos desdobramentos apontaram para a técnica.

[3] A filosofia também tem seus métodos (veja-se Descartes, por exemplo), e no caso de Heidegger, a hermenêutica e o método fenomenológico como pano de fundo, obriga estas filosofias a questionar o método científico ou o *próprio* método. Esta é radicalidade da filosofia.

[4] Utilizaremos o conceito de técnica de uma maneira ampla, sem distinguí-lo de tecnologia, tal como o faz Heidegger.

[5] Sobre a relação de Heidegger e o nazismo, no que tange a sua filosofia da técnica ver: MAURER, Reinhart. **O que existe de propriamente escandaloso na filosofia da técnica de Heidegger**. Tradução de Oswaldo Giacoia Júnior. Revista Natureza Humana 2(2): 403-427: 2000.

[6] Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 - 1716) foi um destacado polímata, filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão.

[7] Lembramos aqui, o caso entre Heidelberg e Heidegger que trocavam ideias diretamente entre si. Tanto filósofos são indiretamente influenciados por teorias científicas como cientistas são influenciados pela filosofia. Exemplo não faltariam, como no caso do impacto do darwinismo sobre a compreensão filosófica do homem, e da elaboração lógico-conceitual dos modelos atômicos e quânticos. Também o trabalho na física de Stephen Hawking, cujas teorias são, não apenas descrições científicas, mas especulações de caráter profundamente filosófico acerca do universo. Tudo isso reforça a ideia de que o mundo é interconexo, e nós, pela tendência que temos em dividi-lo em disciplinas, acabamos dificultando estas compreensões.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

[8] Daí o caráter ambivalente da “ciência” da economia, que por um lado lida com a frieza e a exatidão dos números, e por outro lado, é imprevisível dado que um de seus principais fundamentos não é nem a matemática, nem qualquer ciência exata, mas o comportamento humano. No fundo, a tendência que os economistas têm para com os números, equações, dados de suporte, nada mais é do que o desejo de que sua ciência tenha a mesma respeitabilidade das ciências naturais, exatas. Isto simplifica o pensamento, reduz o grau de incerteza, e justamente por isso, induz a interpretações falsas e se torna uma espécie de alienação pela técnica.

[9] Desconheço interpretações para tal fenômeno, por isso, apenas deixo indicado que suponho a psicologia tenha chaves para este entendimento através dos ditos vieses cognitivos.

[10] Ademais, a pesquisa (e a geração de tecnologia) no contexto sócio-econômico capitalista, se dá por possibilidades que não são em exato controláveis, mas orientando-se por fatores diversos, como a “disponibilidade de recursos materiais e humanos para a realização da pesquisa, ou as prioridades político-econômicas que se definem muitas vezes segundo a chance de aproveitar os resultados na produção industrial ou no planejamento sociopolítico” (FLICKINGER, 2010, p. 50). Muitas vezes, alheios à própria vocação do pesquisador e a demanda social.

[11] E também do fetiche, tem a ver com aquilo que o produto representa ao imaginário: “se eu usar xampu Pantene ficarei tão linda, poderosa, célebre, quanto a Gisele Bündchen” (exemplo que me foi sugerido por V.L.F.C).

[12] Um retrato (ficcional) dos dilemas da negação da vida urbana/tecnificada pode-se ver no filme *Capitão Fantástico* (2016).

[13] Para Young (2016) o *conhecimento poderoso* é “aquele que se inspira no trabalho de comunidades de especialistas, que denominamos de comunidades disciplinares, que são formas de organização social para a produção de novos conhecimentos”. É conhecimento especializado, mas sob uma ótica curricular do que é válido de ser ensinado, no sentido do “melhor” conhecimento, aquele independente do contexto e da experiência que os alunos possam trazer de casa.